

PAULA GOMES MAGALHÃES

OS LOUCOS
ANOS

20

DIÁRIO DA

LISBOA BOÉMIA

 Planeta

ÍNDICE

Os Loucos Anos 1920	9
I – MANHÃS E TARDES DE LAZER	21
1. Ao volante pela cidade	23
2. Ao ar livre.	35
3. Em busca da silhueta perfeita	51
4. O chá das cinco	69
5. Fins de tarde de tertúlia	81
6. Pausa para o magazine.	95
II – NOITES DE ESPETÁCULO	111
7. No Cinema.	113
7.1 As salas.	117
7.2 Os filmes e as vedetas.	126
7.3 O cinema em revista	135
8. No Teatro	145
8.1 O auge da revista	148
8.2 O Parque Mayer.	159
8.3 Para além da revista	168
8.4 Estrelas e companhias estrangeiras	176
8.5 Vedetas e coristas.	186
III – MADRUGADAS FRENÉTICAS.	199
9. A imagem de marca dos loucos anos 20	201
10. Clubes e <i>cabarets</i>	207

11. Ao ritmo do <i>jazz-band</i>	221
12. Animação pela noite dentro.	233
13. O jogo e a maldita cocaína.	259
Conclusão – O fim dos <i>roaring twenties</i>	273
Notas	275
Bibliografia.	295

OS LOUCOS ANOS 1920

A guerra mundial, que durante três anos assolou o mundo, transformou completamente a maneira de viver de hoje.

Em todas as partes a alegria de viver bem, com todas as comodidades e magnificências é o supremo lema de agora.

Aqueles que durante anos, numa tensão nervosa enorme, se habituaram a sofrer inclemências sem número, querem no presente momento a sua desforra, e um grande descanso e prazer espiritual.

Precisam para isso de polvilhar a vida de pequenos nada interessantes, que ajudem a desfazer quanto de mau os tem atormentado.

Quando da grande guerra, o *poilu* internacional, que vinha a Paris passar a *permission*, procurava com uma colossal ânsia de viver, nas poucas horas de descanso, aturdir-se numa atmosfera de luxo e prazer apagando assim as ideias negras que a vida arriscada de trincheira lhe faziam naturalmente sugerir.

Criou-se assim uma nova maneira de ser.

Paris, Londres e os grandes centros de civilização têm por essa razão sofrido na sua vida mundana, dos últimos tempos, modificações que ultrapassam tudo o que um espírito dado à fantasia possa imaginar.

Hoje em toda a parte se exige um conforto, uma comodidade e uma beleza, que antes da guerra só nos grandes meios era dado gozar. Vindo a paz e contraindo o hábito de bem viver, os meios tiveram que se adaptar às necessidades.

Lisboa, acompanhando sempre a vanguarda do progresso, não podia furtar-se a seguir essa natural trajetória.¹

Após os difíceis anos da Primeira Grande Guerra, a que se juntam as consequências da gripe espanhola, a Europa e o mundo podem finalmente respirar de alívio. Os tempos de carestia dão lugar a um período de otimismo, progresso e excentricidade, perpetuado no imaginário coletivo como uma época de loucura, durante a qual germinaria (ironia das ironias) a semente de um autoritarismo de consequências devastadoras. Uma nova sociedade emerge à velocidade das máquinas que agilizam a vida quotidiana, à imagem das aspirações de liberdade, irreverência e extravagância, que rompem espartilhos e aliviam silhuetas, e ao ritmo de *charlestons* e *foxtrots*, que animam as noites longas e frenéticas de uma década vivida em modo acelerado.

São tempos de consumo desenfreado, apesar da instabilidade económica, agitados pelo mercado crescente de automóveis, importante símbolo da aceleração dos dias, eletrodomésticos, que ao facilitar o trabalho doméstico promovem o descanso e o bem-estar, viagens de lazer e turismo, estimuladas pelo desenvolvimento dos transportes, e espaços de entretenimento, com dias e noites que se querem livres de preocupações. O cinema vive a sua primeira época dourada, com a explosão da indústria americana e dos seus artistas, transformados em estrelas à escala mundial, mas também de uma estimulante produção europeia, enquanto a rádio realiza as primeiras transmissões de entretenimento, com a difusão de notícias e música.

As mulheres ocupam lugares habitualmente destinados aos homens (primeiro ausentes e depois incapacitados por culpa da guerra) no mercado de trabalho e experienciam uma liberdade até então inexistente. Simplificam o vestuário, de modo a aliviar o corpo para as novas tarefas, cortam o cabelo acima das orelhas, frequentam cafés, fumam em público, bebem álcool e divertem-se nos clubes da moda. De um polémico romance de Victor Margueritte (*Garçonne*, 1922), protagonizado por uma jovem que foge aos desígnios familiares e assume as rédeas da sua existência, e das histórias de F. Scott Fitzgerald (*Flappers and Philosophers*, 1920; *The Great Gatsby*, 1920), que retratam uma atmosfera de excessos e vida desregrada, germinam *garçonnes* e *flappers*, o modelo da mulher emancipada que importa seguir.

Nos Estados Unidos (que se impõem como potência mundial), os ritmos afro-americanos fervilham no Cotton Club, no Smalls Paradise

ou no Savoy Ballroom (famosos *nightclubs* do Harlem), atravessam o Atlântico, instalam-se em Paris – cidade que continua a ditar as regras na velha Europa –, e difundem-se por um mundo que as conquistas da aviação tornam cada vez «mais pequeno». Os frenéticos *jazz-bands* dos clubes parisienses – onde a norte-americana Josephine Baker irrompe como a mais exuberante estrela da década – atacam, repetidamente, os ritmos da moda – *foxtrot*, *black bottom*, *shimmy*, *charleston* –, obrigando os corpos a movimentos contínuos e delirantes. A reboque de Marinetti, fundador do Futurismo e defensor dos *cabarets* «como expressão de arte moderna», uma nova geração de artistas – a quem faltava ambiente propício para as suas criações rebeldes e bizarras – invade os clubes noturnos e povoa-os de «manchas berrantes, de estridentes policromias».



Josephine Baker, a estrela americana que encantou os *cabarets* de Paris e o mundo
(*Cine – Revista Mensal de Arte Cinematográfica*, julho de 1929, p. 16)
© Imagem Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

Os *cabarets* perdem em faustosidade mas ganham «em alegria», tornando-se, com a ajuda da geração modernista, «mirabolantes, fantásticos, inconcebíveis»². Sob a denominação de *nightclubs*, *dancings*, *cabarets* ou apenas clubes, são a principal atração e imagem de marca dos *roaring twenties* (à americana) ou *années folles* (à francesa), corporizando tudo o que os loucos anos 1920 representaram: animação pela noite fora, onde se podia dançar e viver alegremente, sem preocupações com o dia de amanhã.

No início dos anos 20, Portugal vivia uma profunda crise política, económica e social, propagada desde a implantação da República e agravada pelos anos de guerra. Sucodem-se os governos – que chegam a durar poucas semanas ou dias –, a moeda desvaloriza, a inflação atinge as mais altas taxas de sempre e o desemprego dispara. Uma parte da população não tem trabalho nem dinheiro para adquirir bens essenciais, que escasseiam ou são colocados à venda a preços incomportáveis. Nas ruas impera a instabilidade, com greves, manifestações, atentados e mortes, a que nem a ditadura militar, instaurada em 1926, consegue de imediato pôr termo. Durante o ano de 1920 o país teve nove governos e, em 1921, outros seis, um dos quais liderado por António Granjo, assassinado na designada «noite sangrenta» (em outubro desse ano) juntamente com dois históricos da revolução republicana de 1910: Machado dos Santos e Carlos da Maia. Impulsionados pela tormenta dos dias, desenvolvem-se grupos de contestação, mais ou menos organizados, como o movimento anarquista, e novos partidos, como o Comunista (fundado em 1921), que vê a sua legalidade abolida pela ditadura, iniciando, com outras organizações partidárias, uma existência na clandestinidade.

A população, maioritariamente analfabeta, vive sem as mínimas condições, com trabalhos mal remunerados ou sem emprego. Como noutros períodos, muitos portugueses partem em busca de melhores condições de trabalho do outro lado do Atlântico. Para quem fica, sobram a contestação, com greves e manifestações – quase sempre duramente reprimidas –, e a crença católica, que vê crescer o culto de Fátima, pouco tempo após o fenómeno das aparições. Acentua-se o fosso entre ricos e pobres, ao ponto de a riqueza, vertiginosa e desbragada, na opinião de Raul Brandão, ser uma afronta aos que trabalham duramente mas pouco

ou nada conseguem obter. Noutros tempos, as «classes não estavam tão divididas», dizia-se «pobrete e alegrete», mas sem que a pobreza fosse, como passou a acontecer, sinónimo de desespero³. O importante era «fazerem-se negócios, mais negócios, muitos negócios»⁴. Para combater a inflação galopante, imprimia-se dinheiro sem qualquer fiscalização por parte do Parlamento ou dos governos. Quem podia gastava, gastava a rodos, sem controlo. Em outubro de 1925, a descoberta da gigantesca fraude financeira arquitetada por Alves dos Reis – que ordenara (ilícitamente) a impressão de milhares de notas de 500 escudos a fabricantes britânicos, fingindo-se governador do Banco de Portugal – agrava, ainda mais, a frágil e descredibilizada posição do regime republicano.



No *Domingo Ilustrado*, a imagem desoladora de grupos de operários que, em 1925, percorriam as ruas a pedir pão ou trabalho (18-1-1925)

© Imagem cedida por Hemeroteca Municipal de Lisboa

Inspirado na marcha dos «camisas negras» sobre Roma, que colocou Benito Mussolini e o seu movimento fascista no poder em Itália (1922), e no golpe de Primo Rivera, que impõe o Diretório Militar em Espanha

(1923), o general Gomes da Costa lidera, a partir de Braga, uma sublevação contra o regime republicano, a 28 de maio de 1926. Com o apoio do comandante Mendes Cabeçadas, em Lisboa, a que rapidamente se juntam outras unidades militares do país, o golpe sai vitorioso, mas os protagonistas desentendem-se e a instabilidade continua, com o poder a rodopiar de mão em mão, até ser assumido pelo general Óscar Carmona. A Constituição de 1911 é suspensa, o parlamento dissolvido e a censura prévia, que limita a liberdade de imprensa, é decretada. A partir do Porto, em fevereiro de 1927, são feitas tentativas para acabar com um governo que não augurava nada de bom – o chamado *revirvalho* – mas sem sucesso. Tal como acontecera noutros países da Europa, Portugal mergulhava na escuridão de um regime nacionalista, que se intensifica, já durante a década de 1930, quando António de Oliveira Salazar – homem forte das Finanças e arquiteto do equilíbrio orçamental – chega a chefe de Governo e faz aprovar uma nova Constituição, estabelecendo os princípios do Estado Novo.

A instabilidade social e política não impediu que o país – Lisboa em particular – se desenvolvesse à imagem das grandes metrópoles europeias. Nos centros urbanos, mas principalmente na capital, os avanços tecnológicos e civilizacionais e as excitantes novidades de lazer e diversão impuseram o ritmo:

Os recursos de hoje, tudo resolvem, com o telefone que põe qualquer, em comunicação imediata com a pessoa com quem tenha de ser decidido um projeto ou formada uma combinação.

Os recursos de hoje, tudo resolvem, com a velocidade do auto, que não tem horário nem depende da má vontade dos animais que puxavam as viaturas de ontem.

Os recursos de hoje, tudo resolvem, porque a cabeleira curta dispensa a demora do penteado e os vestidos de casa – muito distanciados das farfalhudas batas da Moda passada – são os vestidos de rua.

[...]

Com os recursos de hoje, tornam-se realizáveis as mais extraordinárias resoluções que, aos olhos da gente do Passado, presa ainda a preconceitos sem razão de ser, se afigurariam impossíveis.⁵

Os automóveis, mais velozes e em maior número, os comboios, em redes que se multiplicam, e os aviões, que se consolidam como a mais prodigiosa das máquinas, encurtam as distâncias e impõem o ritmo apressado dos dias. Em 1922, Gago Coutinho e Sacadura Cabral partem de Portugal, rumo ao Brasil, em hidroavião. Realizam com sucesso a primeira travessia aérea do Atlântico Sul e inspiram o feito de Charles Lindbergh, que faz sozinho o primeiro voo transatlântico, sem escalas, em 1927. A velha noção do tempo perdia-se na «rapidez dos meios de transporte, e a contagem pachorrenta de outrora» deixava de ter significado, desde que a luz elétrica igualara as noites aos dias⁶.



A Avenida da Liberdade à noite, com a nova iluminação (*Ilustração*, 16-11-1928, p. 32)
© Imagem cedida por Hemeroteca Municipal de Lisboa

Em 1924 surge a primeira emissão de rádio, em modo experimental e sem regularidade definida, a partir dos Grandes Armazéns do Chiado, por iniciativa de Abílio Nunes dos Santos Júnior. Começou por se chamar CT1 AA, depois Rádio Lisboa e, finalmente, Rádio Portugal, quando, no ano seguinte, as emissões passam a ser regulares. A partir de 1925, as estações generalizam-se (não apenas em Lisboa) e, em 1928,

é criado um novo posto, com diferentes designações, até se fixar como Rádio Clube Português, estação cujas emissões se manteriam durante muitos anos.

FOGÕES VACUUM
Nº 15 e 17
Completamente desmontáveis

**rapidez
economia
limpeza!**

Vacuum Oil Company

SUNFLOWER
PETROLEO

Nem uma ponta de fuligem!

FOGÃO PURITAN
cómodo
asseado
economico

V. Ex.ª pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar, por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.

V. Ex.ª pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar, por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.

Vacuum Oil Company
Dicas: Tel. N.º 5075 e em sua Agência

PETROLEO
SUNFLOWER

Aspirador de Pó SIEMENS-“PROTOS”

O Aspirador de Pó Siemens-“Protos”
obteve o 1.º PREMIO
em prova de qualidade

O melhor e mais perfeito em todos os sentidos

Consumo por hora 150 vatios
25 centavos aproximadamente

Preço: Escudos 900\$00, completo

Um presente util

O presente recebido com mais entusiasmo e sempre aquele que além de ser útil tem também oportunidade. Seria portanto impossível arranjar durante este quadro do ano um presente mais útil e mais oportuno do que um "Calorifero da Vacuum" que leva a uma casa a temperatura da primavera.

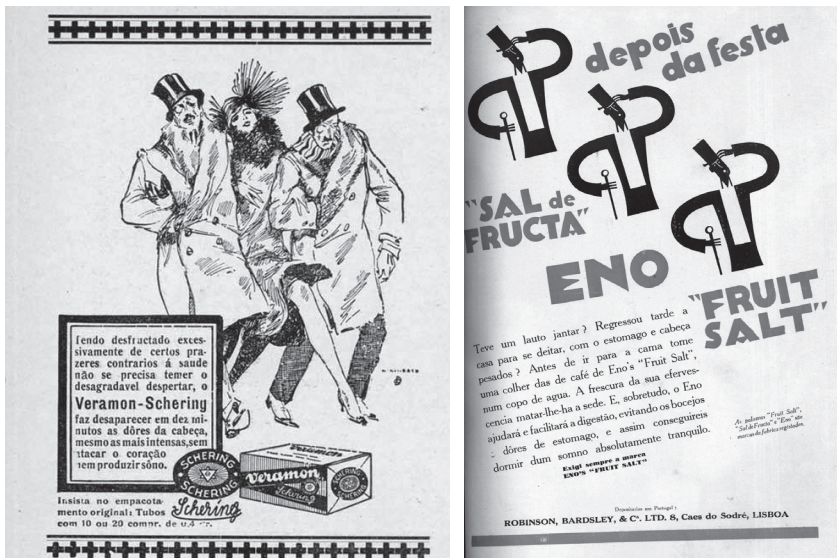
caloriferos da VACUUM

Vacuum Oil Company
Dicas: Tel. N.º 5075 e em sua Agência

SUNFLOWER
PETROLEO

Anúncios a fogões, aspiradores e caloríferos, publicados no magazine *Ilustração*
© Imagens cedidas por Hemeroteca Municipal de Lisboa

Em casa, são as máquinas – as novas e modernas máquinas – que respondem aos anseios de velocidade e conforto, com caloríferos que põem termo aos dias frios de inverno, aspiradores que eliminam a sujidade sem esforço, ou fogões a petróleo, em substituição da lenha e do carvão, que agilizam a vida nas cozinhas. Outros aparelhos, como os telefones e as máquinas fotográficas, começam também a fazer parte do quotidiano nacional. A publicidade – multiplicada em jornais, magazines, cartazes, entre outros meios de difusão – converte-se num importante veículo de incentivo ao consumo e em espelho do modernismo e hedonismo que caracterizam uma década devotada ao bem-estar e à diversão.



A publicidade também fazia referência ao clima de diversão contínua que então se vivia (*Ilustração*, 1-10-1926 e 16-1-1929)

© Imagens cedidas por Hemeroteca Municipal de Lisboa

O novo conceito de mulher, dinâmica e independente, que despontava na América e em alguns países da Europa, não atingiu a mesma dimensão em Portugal, mas teve expressão suficiente para abanar o conservadorismo vigente. A sociedade lusitana não foi imune aos ventos de mudança provocados pela Grande Guerra:

A mulher portuguesa, enclausurada mouriscamente, tinha da vida exterior a noção que lhe dava o horizonte da sua janela de gelosias cerradas: um pardo casarão ou, na melhor das hipóteses, as árvores enfezadas de algum largo ajardinado. Vegetando na labuta caseira, perdendo com o correr dos tempos as qualidades da raça, isolada da vida, da luz e do ar, pelo implacável carcereiro a que se chamou opinião pública, não sabia a pobre que seis horas de praia ou de campo valem mais que uma grosa de hóstias do boticário.

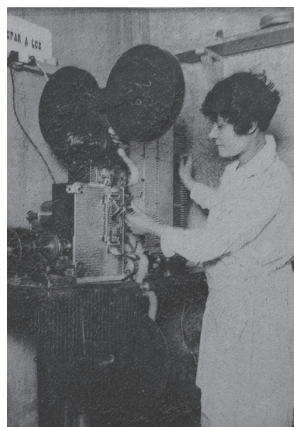
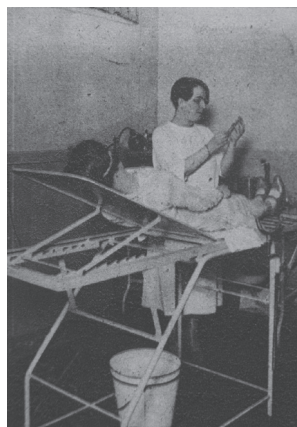
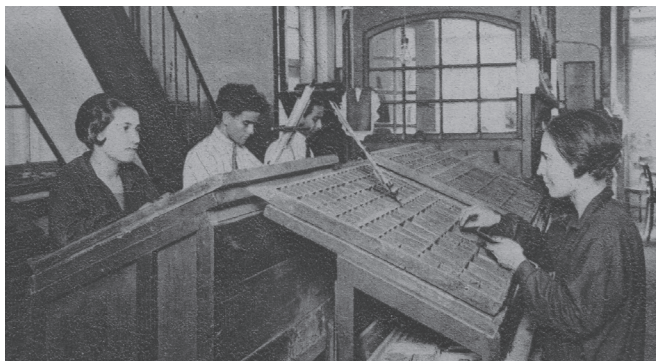
Diminuída no seu equilíbrio físico, cerceadas as suas naturais possibilidades musculares, ignorando as realidades da vida, a mulher portuguesa foi, até hoje, o indefeso manequim, moldado pela tirania imbecil da sociedade para servir de dispendioso capricho de ostentação ou envilecido agente de prazer.

Foi preciso para se formar o Espírito Novo que o sangrento cataclismo da Grande Guerra aluísse o carunchoso edifício das sociedades, lançando a mulher na labuta rude que o homem deixara para empunhar a espingarda.⁷

As mulheres começam a trabalhar em áreas tradicionalmente ocupadas por homens – «no campo, nas fábricas, nos caminhos-de-ferro, nos grandes armazéns» – a praticar desportos e a conduzir automóveis. Em 1926, segundo se lia no magazine *ABC*, «as modernas filhas de Eva corta[va]m os cabelos à *garçonne*, guia[va]m automóveis, monta[va]m a cavalo, fuma[va]m os seus cigarros e, quando calha[va], o seu charuto, pratica[va]m todos os *sports*»⁸ e frequentavam clubes e *cabarets*.

No início da década, Portugal está à beira da bancarrota – circulava muito dinheiro sem necessidade de correspondente em ouro – mas para os novos-ricos, para os mais abastados e para uma parcela da classe média, os anos 1920 foram vividos à imagem do frenesim das grandes metrópoles. No *Diário de Lisboa*, Virgínia Vitorino apelidava-os de *smart-set*, o grupo elegante que decretava «o conceito sempre movediço do *chic*», que estabelecia as pastelarias da moda, falava calão, vestia bem e fazia «letra morta das normas de civilidade»⁹. O *smart-set* aproveitou os dias e (sobretudo) as noites como se não houvesse amanhã. Antes do início da década, já o comandante Carvalho de Araújo, dava conta (com alguma mágoa e acentuado moralismo), na imprensa da época, do ambiente de festa contínua em que o país vivia:

Nunca foi tão grande o movimento das praias e das termas, nunca as batotas, os teatros, os casinos, as praças de touros, todos os sítios de prazer, estúrdia e regabofe tiveram tão larga concorrência. Nunca as lojas de moda e os estabelecimentos *chics* fizeram tanto negócio, e nunca a podridão dos *snoobs* e dos *dandys* das classes altas conseguiu contaminar tão profundamente as classes populares.¹⁰



Uma reportagem fotográfica do *Notícias Ilustrado* mostra mulheres portuguesas em ocupações tradicionalmente masculinas: tipógrafa, médica e operadora de cinema (8-7-1928, p. 29)

© Imagens Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD)

Os primeiros clubes noturnos surgiram na capital portuguesa ainda antes da grande guerra mas foi durante a década de todos os excessos que se modificaram à imagem dos modelos internacionais, se fizeram

artísticos e cosmopolitas (com a ajuda das figuras do movimento modernista), se animaram e dançaram ao som dos ritmos afro-americanos da moda e se transformaram no principal centro de diversão do *smart-set*. Criados à imagem e semelhança dos clubes ingleses, os espaços lisboetas queriam-se requintados para acolher estatutos e elegâncias citadinas, mas acabariam moldados ao ritmo dos *cabarets* parisienses, palco de múltiplas frivolidades, onde a música e a dança se misturavam com o jogo, o álcool e a maldita cocaína. O clube era o «tópico» em redor do qual se organizava a boémia de quem se podia dar ao luxo de não ter de despender horas e energias em ocupações desgastantes. Os dias estruturavam-se em função das noites e irrompiam madrugada dentro. Mesmo quando só findavam ao nascer do sol, raramente os seus frequentadores abdicavam de um passeio de automóvel, de uma ida ao hipódromo mais próximo para uma corrida de cavalos, de um *rendez-vous* pelas lojas elegantes do Chiado, de um *five o'clock tea* com direito a *jazz-band* nas *pâtisseries* da moda, ou de uma fita animatográfica nos cinemas da capital. Os dias e as noites sucediam-se ao ritmo com que os agrupamentos de *jazz* atacavam os instrumentos para um *charleston* ou *foxtrot* e faziam movimentar os corpos já enlevados pela exaltação dos tempos. Todos caminhavam com febre, escrevia Raul Brandão, «a febre de quem não confia[va] no dia de amanhã»¹¹, porque não era certo que o dia de amanhã chegasse.

Esta obra acompanha o quotidiano frívolo da Lisboa boémia, do *smart-set* de que fala Virgínia Vitorino. Averiguam-se as manhãs ao ar livre, as tardes chiques e as noites frenéticas ao som do *jazz-band*, os passeios, as celebrações, os espetáculos, os prazeres e a sociabilidade, por entre páginas de jornais e magazines, crónicas, memórias e romances. Nas palavras de jornalistas, cronistas e romancistas, e nas imagens captadas pelas objetivas de então, procuram-se as rotas do dia a dia mas também os traços de um tempo, de uma cidade, de uma sociedade de contrastes, que acompanhou a exaltação daquela que se fixou como a mais louca e veloz década de que há memória.